PARA TODOS...

FAHRION

— *Não é nada, minha senhora . . .*

— Quando as mães são prudentes e cautelosas como V. Ex., certas doenças dos filhos perdem a importancia. A tosse do seu menino, si não fosse tratada a tempo, poderia tornar-se grave, porque uma tosse é sempre um perigo para uma creança. É descuido imperdoavel dos paes deixar de tratar, ás primeiras manifestações, a tosse dos filhos pequenos, porque a tosse enfraquece o pulmão e o expõe a males mais serios. **Mas cortando** a tosse no começo, o caso perde a importancia. É o caso do seu pequeno: dê-lhe **Bromil** e não se preoccupe.

O Bromil é o melhor remedio conhecido para a Tosse das Creanças: ás primeiras doses, faz cessar a tosse, desinfectando os pulmões e soltando o catarrho.

TOSSE ? BROMIL

Carnaval no Club Central de Nictheroy: "Arlequins Chinezes" e "Futuristas".

Rua do Ouvidor 181 — 1.º

End. telegr.: "Paratodos"

Telephone: 2-9654

Para todos...

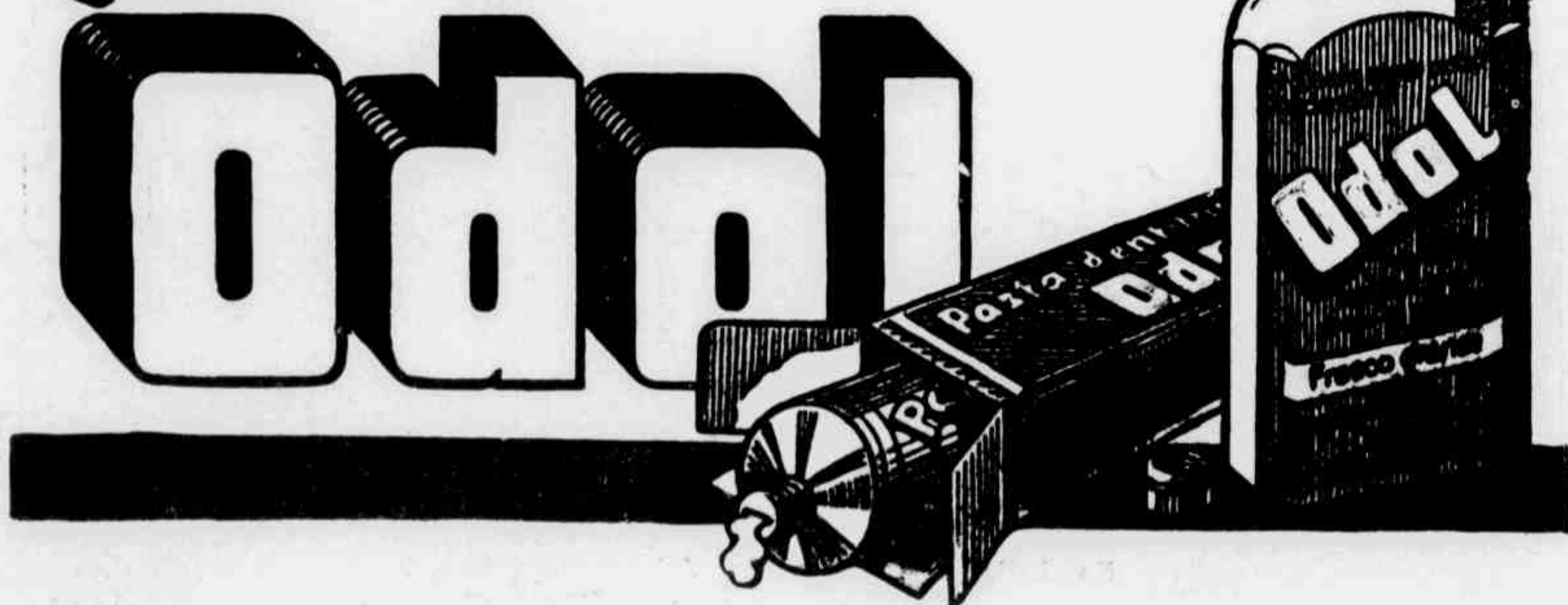
REVISTA SEMANAL

Directores: Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Assignaturas
1 anno — 75$000
6 mezes — 38$000

Os clichés de "Para todos..." São feitos nas officinas de "Vida Nova" pelo gravador OSCAR. Avenida Gomes Freire, 138 e 140. Telephone 2-2437.

No baile á fantasia do Atlantico Club.

Dentes
como um fio de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fio de Perolas.
A pasta „Odol" torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O liquido „Odol" penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Pasta dent
Odol
Odol

Gente conhecida...

Pelayo Péres

O nosso patriotismo constantemente fica alarmado com as coisas que nos faz a imprensa da França. Seguidamente registramos cheios de consternação que o **cerebro do mundo** ainda não decorou que a nossa capital não é Buenos Aires, ou que o Rio não é cidade principal do Chile, etc..

Os francezes, que geralmente são tão amaveis, commettem comnosco a eterna grosseria de nos trocar o nome. Que se enganem noutra coisa, no numero de habi antes, por exemplo, mas não no nome!!

Será que a America Latina é quasi ignorada, e que a nossa diplomacia nada faz para nos tornar conhecidos na **Velha Europa**?

Ao contrario, meus senhores! Somos conhecidissimos, quasi como **de casa**...

....

....

Ha tempos, num dia quente de Junho, entrava esfregando as mãos, na redacção do **Petit Parisien**, o seu director geral M. Toulousse.

— Que é isso?, perguntou-lhe um companheiro de redacção — está com frio num dia como o de hoje?

— Nada, amigo! apenas contentamento...

Todas as linhas do numero de hoje estão pagas, e o **record** em preço bateu-o como de costume, a America do Sul. Imagina!: a noticia que demos hontem sobre a peste bubonica em **La Paz, "Capital da Colombia"**, occasionou os dois magnificos desmentidos de hoje, a 5.000 francos cada um: appareceu o ministro da Bolivia declarando que na sua capital não ha peste, e veiu o da Colombia provar que a sua metropole é Bogotá, e até nos trouxe um mappa. E virando-se para o secretario geral, ordenou: — debitem amanhã essa peste bubonica para qualquer outro paiz americano...; precisamos pagar a nova rotativa.

Somos ou não conhecidos de sobra ahi por fóra?

CARNAVAL PERNAMBUCANO

Por
Mario Sette

A tróça passava pela minha rua, com a sua algaravia, o seu falsête, a sua cantiga:

O morcêgo bateu asas
Mas não pôde avoá...
Quem não tem prazer
[na vida
Não diverte o Carnavá...

Nesses tres dias incomparaveis para minha infancia, nesses tres dias ansiosamente esperados durante o anno todo, eu não arredava pé da janella, acompanhado da minha paciente Sinh'Anninha, olhando com admiração, alegria e seu quê de mêdo, o bando de mascarados. Eram os morcêgos: vestiam-se de preto, tinham asas cravejadas de lantejoulas, e iam pela cidade afóra fazendo rodeios, ensaiando vôos, bolindo com os transeuntes.

Passavam depois os grupos de pierrôs de babadinhos, os de dominós de velludos, os de diabinhos, os de saias de madapolão nos pescoços e fronhas nas caras, os de "princezes", os de palhaços, os de cabeças-grandes, os de caveiras, os de professores com palmatorias nas mãos...

Mascaras em quantidade. Desde que amanhecia até que a noite chegava. E os clubs com as suas orchestras e os seus cordões: De tudo eu gostava, de tudo mesmo!

Até dos maracatús, com o seu batuque caracteristico, que causava certo pavor aos meus nervos de creança, talvez por associal-o ás caras lambusadas de tinta do rei e de seus subditos...

Carnaval do meu tempo! Ruas enfeitadas de palmeiras e galhardetes, corêtos com as bandas de musica tocando, arcos com bicos de gaz, os prestitos do 33, do Cavalheiros da Epoca, do Philomomos, bisnagas, papel picado, seringas de pó de ouro...

As toadas das tróças:

Ai, amô!
Amô do coração!
Viva Santo Amaro
Beberibe
E Jaboatão...

Todo um reboliço, todo um colorido, toda uma liberdade que se casavam com a vivacidade, com as cambiantes, com os caprichos da minha imaginação e da minha curiosidade. Meus olhos não obtinham um instantezinho de descanso. O mais réles dos mascaras, o mais desenxabido, o mais esfarrapado, constituia para mim um encanto, e, meio receoso, prompto a fugir de golpe da janella ou da porta, se elle viesse para meu lado, gritava-lhe num fingido ousio: "Mascarado!"

Mas vinha a noite da terça-feira; os sinos da matriz da Bôa Vista dobravam; escurecia aos poucos; todos se despediam de Momo e pelas ruas as tróças desfilavam cantando alto e dolentemente:

Vae chorá
Vae chorá...
Acabou-se o Carnavá...

Infiltrava-se na minha alma de creança — lembra-me bem — uma intensa saudade, uma saudade que eu só viria experimentar maior, mais tarde, de outras cousas, de muitas outras cousas... E parecia-me uma blasphemia ouvir minha avó exclamar:

— Felizmente deste estamos livre!

Pernambuco sempre teve seu fraco pelo Carnaval.

Desde os tempos da lima de cheiro, do intrudo. Assim como na minha epoca de menino, semanas antes dos tres dias de alegria, compravam-se na venda resmas de papel de seda de varias côres para retalhal-o a tesoura e transformal-o em "papel picado", nos tempos de meus avós e bisavós fabricavam-se mal o anno começava as limas de cheiro.

Carneiro Vilella, numa das suas reminiscencias de infancia, conta como no velho tecto da sua familia, num salão de grandes arcadas, reuniam-se t o d o s — matronas, titias, sinházinhas e escravas para esse trabalho. Accendiam-se os fogareiros; derretia-se numas latinhas cheias d'agua uma mistura de cêra, therebentina e tinta. Depois, em fôrmas de madeira ou gêsso, moldavam-se as duas bandas da lima ou do limão, e estas, por sua vez, eram soldadas afim de que fossem cheias de Agua de Colonia ou de "cheiro." Eram os projectis carnavalescos: arremessados contra o "adversario", estouravam por percussão e derramavam o seu conteúdo perfumado, mas abundante.

Com o correr dos dias, as limas já promptas iam occupando gavetas, prateleiras, bahús, armarios, mesas, consólos... No domingo de Momo, os escravos preparavam o "campo da luta." Enchiam jarras, gamellas, bacias, quartinhas, barris e punham tudo isso perto da porta da rua ou das janellas. As limas, em balaios, jaziam tambem ao alcance das mãos. E esperava-se então o transeunte: um parente, um conhecido, um vizinho, um matuto, um vendedor de gallinhas... passando, recebia o ataque. Se reagisse, ou se zangasse, era agarrado e trazido para o barril ou a bacia cheia d'agua. Ali o banho era completo, seguindo-se a esfregação com rascão e gomma.

O brinquedo tinha logar, geralmente, á frente ou dentro das casas. Não havia Carnaval de rua, nem mascaras. Apenas Entrudo. Os jornaes nem se dignavam de dar uma noticiazinha a respeito. A menos que não quizessem publicar uma reclamação assim:

"No pateo do Terço, num pé de escada, reune-se toda a noite um club de molecas para brincar esse estupido entrudo, um mez antes do Carnaval."

Data de mais de 1880 o surgimento dos primeiros mascaras. A começo uns tantos timidos e mal arranjados que se postavam nas esquinas, nas subidas das pontes. Todo mundo ia olhal-os; a creançada cercava-os; populares provocavam-n'os. E elles murchos. Papa-anjos!!! A idéa, no emtanto, agradou, e já nos annos subsequentes o numero de mascarados augmentou. Apresentaram-se mesmo trajos ricos, allusões a typos historicos. Casacos de seda, roupas de velludo, cabelleiras, sapatos de setim. Iam aos bailes do Sta. Isabel, do Juventude, percorriam a cidade, visitavam os conhecidos. E davam-se as scenas do costume. Batiam palmas; ouviam-se os guizos, os falsêtas, as castanholas.

— Você me conhece? Você me conhece?

— Seu coronel José Antonio, você hontem quiz comprar o assucar todo do engenho Feiticeira, hein?...

— E d. Maria Rita como está gorda, minha gente! F e z muitos filhós para nós?

Os donos da casa sorriam, mas prevenidos, desconfiados. As mocinhas, já todas de pó de arroz e vestidos novos, para vêrem o Carnaval, ficam meio escondidas nas alcovas, botando sómente as cabeças de fóra. A meninada se esconde, embora curiosa.

O coronel José Antonio segreda á mulher:

— Maldo que é o comprade Belisario.

— Que nada, Cazuza! Com esses olhos azues!

— E' verdade. Belisario tem os olhos pretos. E o outro?

— Assim magro, de pernas finas de sericoia, está me parecendo o Ignacio da botica. A voz...

— Talvez... Comtudo, antes que tirem as mascaras, todo cuidado. Mascarado!

— Está visto. Inda no anno retrazado um se fazendo de engraçado não roubou a sobrinha de "seu" vigario?!

Foram apparecendo as criticas: ao professor, ao padre, á beata, á parteira, ao guarda-nacional, ao matuto.

Pouco a pouco o Carnavel metamorphoseara-se. O entrudo incidira nas posturas municipaes. Nada de barricas, de gamellas, de bacias... Nada de gomma, de zarcão, de pós de carvão... Vieram as bisnagas: os tubos de estanho com agua cheirosa dentro; os papeis picados, as seringas de pós dourados. As bisnagas, com umas calunguinhas pregadas nos tubos, vendiam-se em caixas de papelão, ás duzias. De diversos numeros correspondentes aos tamanhos: 6, 8, 10 e 12. No auge das batalhas, muita gente rasgava com os dentes o fundo das bisnagas e substituia o esguicho pelo banho geral... O papel-picado fazia das suas: — quando uma mocinha nos enchia com elle o collarinho para que descessem aquelles fragmentozinhos asperos pelo corpo abaixo, a coceira não era deste mundo. Tinhamos ás vezes de ir em casa mudar a roupa. Tambem nós, rapazes, tomavamos a desforra quando as golas dos vestidos se offereciam folgados. Se fosse hoje!... Não havia papel que chegasse...

O confetti desbancou o papel-picado. O lança-perfume deu o fóra na bisnaga. A serpentina trouxe um vistoso "motivo ornamental" ás festas do Deus Momo. Tambem usaram-se umas borboletas que se prendiam com carrapichos ao peito.

A mascarada que a principio era esparsa, sómente, agrupou-se nas troças, nos cordões, nos clubs pedestres. Ninguem avalia a quantidade delles, outróra. Houve annos de se licenciarem na policia mais de 100. E vinham todos ás ruas animadamente. A' tarde, coincidia frequentemente o encontro de dois, tres e quatro numa só rua. Os Caiadores, as Beatas do Recife, Anquinhas, Parteiras de São José, Espanadores, Tome Farofa, Vacca em OO, Canna Verde, Viuvas Destroçadas, Quitandeiras, Susineiras, Caboclinhos, Bilontras, Ciscadores, centenas de outros que já não existem, sem falar nos que ainda hoje resistem e mantêm o prestigio da sympathia popular, como o Vassourinhas, o Lenhadores, o Pás, o Vasculhadores etc.

Os estandartes ricos, as orchestras excellentes, os cordões vistosos e extensos. Sempre foram buliçosas as marchas; comtudo o frêvo, agora, tem maior fogo, maior enthusiasmo. Mesmo porque, existe menos ceremonia em se dar o braço a uma mulata e fazer o passo com ella, fechando-se os olhos á "posição social"...

A mascara avulsa, antigamente, era vultosissima — dominós, palhaços, pierrôs, principes, arlequins, pagens, diabos, morcêgos, mortes, cabeças grandes... Os maracatús tambem se apresentavam com luxo, com magnificos sequito, com vestuarios de seda e de velludo, com os "chapéos de sol" vistosos e as bonecas de Paris...

Quasi todas as ruas recebiam ornamentações e illuminação especiaes porfiando as respectivas commissões em obter o primeiro logar. Isso, aliás, já vinha do tempo em que o Carnaval passou a ser "de rua." Em 1885 já os jornaes falavam em commissões para enfeitar as ruas do Livramento, de d. Maria Cesar, da Restauração, e o "Jornal do Recife" lembrava que a rua 1° de Março, junto ao Arco de Santo Antonio, era um ponto largo e bonito para se armar um corêto, pôr bandeirolas nas varandas e mais luzes.

No meu tempo de rapaz, ruas houve na Bôa Vista que tiveram uma vida carnavalesca extraordinaria, a do Aragão, a da Matriz, a de Santa Cruz, por exemplo. Armavam-se em todas ellas, sem alludir ás principaes como Imperatriz, Nova, 1° de Março, Cabugá, corêtos onde tocavam as bandas do 14, do 2.°, da policia. O Carnaval começava logo cêdo: vinham á rua a Charanga do Recife, a Mathias Lima, a 7 de Setembro, com os socios fantasiados, visitando as congeneres e as redacções. O Club de criticas 9 1/2 do Arraial, por muitos annos sahiu com bellos prestitos, pela manhã.

Das sociedades de criticas mais antigas destacavam-se o Cavalheiros da Epoca e o 33. Deram sorte. Depois nasceu o Philomomos que foi a mais fina, mais sumptuosa, mais interessante. Inaugurou entre nós o Zé-Pereira. Trouxe a publico os grandes carros allegoricos e as criticas de successo, como A Bernarda, o Cambio, Os Sangaios. Uma critica famosa do 33 foi a de José Maria no ôco do mundo.

Club de critica que teve uma grande aura popular: o Cara Dura. Fundado em 1901 por officiaes do exercito. Tinha séde no sobrado da actual loja A Primavera. Endiabrados foliões, os cara-duras. Um mez antes do Carnaval vinham, á noite, á rua, com um palco armado em cima de uma carroça, e ali, em pontos da cidade previamente annunciados, os socios dançavam pastoril. Era o theatro João Minhoca. Faziam um successo damnado aquelles "cara-duras", sem mascaras, de bigodes, com os trajos de pastoras, de fita nos cabellos e pandeiros nas mãos, a se remexerem e a cantar:

Já rompeu a aurora
Resplandece o dia...

Juntava gente assim! Quando o palco se movia para outro local o povo ia atraz.

Outro club de fama: o P. M. Creação do saudoso Angelo Sabiá que indicava com espirito os individuos que estavam no caso de receber o diploma de socio. Quasi sempre a escolha recahia num cidadão passado dos 60 annos. A séde era num sobrado em ruinas da rua do Imperador, onde hoje está o Jornal do Commercio. O emblema, um perú triste. A divisa: **Senectus est morbus.**

Tambem fez falar o Club do Dedo, allusão ao professor Faustino que curava todas as doenças botando a mão em cima parte enferma. E o do Embóca, que penetrava pelas casas dos conhecidos á cata de cerveja...

O côrso a que hoje quasi se reduz o nosso Carnaval, naquella epoca não merecia grande apreço. Umas poucas dezenas de carros de passeios com familias, mascaras, rapazes. Exhibiam-se com garbo os cavalleirianos, em grandes grupos. Quem tinha o seu cavallo bonito ou guenzo, vinha fazer equitação nas ruas, pisando gente, assustando mulheres, perturbando os foliões. A policia, não obstante as queixas, fechava os olhos porque os "figurões" eram os primeiros a gostar da móstra de elegancia hippica.

Nosso tempo foi chic nos tres dias do Momo bancar-se autoridade policial. Delegados, sub-ditos, supplentes, inspectores de quarteirão, pessoal da capital, pessoal do matto, tudo percorria a cidade, de pôse feita, com as ordenanças atraz.

Nem o Carnaval se viu livre da politica: em 1894 não tivemos a visita do Momo; o Rio pegava fogo e o estado de sitio trancava todas as manifestações do povo, mesmo as de alegria. Em 1895, houve festejos carnavalescos, mas... com cavallaria nas esquinas, piquetes de infantaria abaixo e acima, ambiente de terror.

Tem o nosso Carnaval dado origem a varios de nossos dictados: "Está namorando?", "E' do matto", "Está falando boneco", "Espicha couro velho". "Páo com formigas" e tantos outros brotaram num desses dias de azoamento e de gargalhadas.

Muita cousa passou, muita cousa se acabou, é verdade. Porém o Carnaval

(Termina no fim da revista).

Desenho de
CECILIA MEIRELLES

A Morte está occupadíssima lá no Extremo Oriente

(Desenho de Prat)

Do Carnaval

**Senhorita
Didi Caillet,, "Boneca Italiana".**

**Senhorita
Malvininha Dolabella Portella,
"Noiva indiana"**

FOLHA DE VERÃO

Martha de Hollanda

Olinda... Praia do Pharol... Amanhecer.

O dia vem vindo assignar pontos de alegrias e tristezas...

O dia vem vindo carregado de embrulhos de destinos e chaves de fatalidades!

O dia vem vindo, lentamente... para o trabalho da officina do tempo...

As estrellas adormeceram, pelas ruas das trevas, e as nuvens correm com cestos de claridade, para o mercado do sol...

O mar traja a sua roupa verde para o jury das ondas.

Os coqueiraes abrem as suas palpebras de folhas e pegam na enxada das ventanias...

Nossa Senhora faz a chamada da Vida na sessão verde da Natureza.

A areia branca da praia prepara mascaras de sombra para os viandeiros desconhecidos... A esperança apparece trazendo o Viatico dos sonhos adiados e a felicidade passa procurando casa para alugar.

Os passaros esperam nas estações dos cajueiros encommendas de sons...

Ah!... E os pescadores partem, para a embaixada do accaso, levando as credenciaes das tarrafas e dos anzoes, na eloquencia das velas, emquanto as praieiras ficam desembaraçando com o olhar, a renda das horas, nos horizontes longinquos...

O passado veste dolman de saudade, cheio de galões de glorias, e assiste á parada de todas as lembranças.

Olinda... Praia do Pharol... Amanhecer...

Eu penso em ti...

Olinda... Praia do Pharol... Amanhecer...

Eu penso em ti...

Olinda... Praia do Pharol... Amanhecer...

Eu penso no nosso amor...

NA CIDADE

MARTIM LUZ

Eu confesso com algum cynismo que a minha chronica de carnaval que sahiu no numero passado do "Para Todos..." já estava prompta desde a sexta-feira anterior ao carnaval...

Não pude, pois, fazer certos commentarios ainda hoje opportunos, porque o carnaval não passa assim da memoria da gente...

Póde-se dizer sem exaggero que esse foi o carnaval mais animado que já se viu no Rio.

Com pouco dinheiro, pouco lança-perfume, pouco confetti, pouca serpentina, pouca bebida, o povo divertiu-se com um enthusiasmo delirante.

Como nota elegante, o baile do Municipal foi o grande acontecimento dos festejos carnavalescos.

Foi uma noite maravilhosa. Quasi toda a sociedade elegante carioca esteve lá, a principio constrangida num certo acanhamento protocollar, mas depois cheia do verdadeiro espirito carnavalesco. O movimento de reacção carnavalesca foi iniciado por um grupo chefiado pela declamadora Nenê Baroukel e depois pegou que foi uma belleza...

Não citarei nomes. Mas registro a belleza e a riqueza de algumas fantasias femininas. Dos homens, poucos fantasiados.

Predominaram o smocking e o branco a rigor.

O grande **bal-masqué** de 2ª feira gorda constituiu, nos annaes do carnaval carioca, uma nota excepcional de elegancia, belleza e distincção.

✣ ✣ ✣

O High Life, como sempre, abriu seus amplos salões para as quatro noites de carnaval. Todo o Rio que sabe se divertir passou por ali, porque o club da Rua Santo Amaro já constitue uma tradicção na cidade e quem diz: "diverti-me muito no carnaval", accrescenta logo: "estive no High Life"...

✣ ✣ ✣

Interessante: eu dividi as minhas noites de carnaval entre o Municipal, o High Life, o Beira Mar Casino, o Bal Tabarim do Eldorado e o Movimento Artistico Brasileiro. Todos optimos, sem duvida.

Pois em nenhum desses logares eu me diverti tanto como nas tardes no **hall** do Palace Hotel.

Era o legitimo carnaval. Espontaneo, alegre, gritalhão, uma maravilha!

Vestido democraticamente de **macacão**, eu entrei mesmo no samba direito, cheio da alma popular que é a legitima essencia do carnaval carioca.

Os nossos cabarets são tristissimos — todo mundo sabe. São os logares onde menos a gente se diverte. Parece que a alegria já está fixada numa fórmula de tabella.

✣ ✣ ✣

Coisas interessantes que vale a pena notar:

Por exemplo: a morte definitiva de Pierrot. Não vi um, sequer. E é pena. E' o typo mais caracteristicamente representativo do carnaval.

E punha na loucura desenfreada do carnaval indigena a nota intelligente de um sentimentalismo convencional, mas agradavel...

Outra coisa: por que deixam morrer o **trote**? Era uma das coisas mais pittorescas e suggestivas do carnaval carioca.

Não ha mais mascaras. O carnaval vae degenerando em festas sumptuosas de salões, perdendo o cunho popular que o caracterizava...

✣ ✣ ✣

Pequena creatura mysteriosa que passaste commigo quasi todas as noites de carnaval e que eu não sei quem é. Não sei si és bonita ou feia, nem isso me interessa.

Tinhas espirito e bricavas admiravelmente o carnaval.

Nunca te levantei a mascara, mesmo no automovel, de madrugada... Seria tão facil!...

Mas quiz que fosses para mim o mysterio e quero te pedir um favor: continúa sendo o mysterio para mim.

Só assim me terás dado um presente maravilhoso: a felicidade de imaginar...

Alberto Simoens da Silva e Henrique Mello Moraes, o palhaço alegre e a bailarina triste do Carnaval de 1932.

CARNAVAL

No baile do Fluminense Football Club.

"Pierrots da Bohemia:" no baile da Senhora Reynolds, em São Paulo.

"Pyjamas de praia" no baile do Trianon, em São Paulo.

Em São Paulo

Photos Cerri

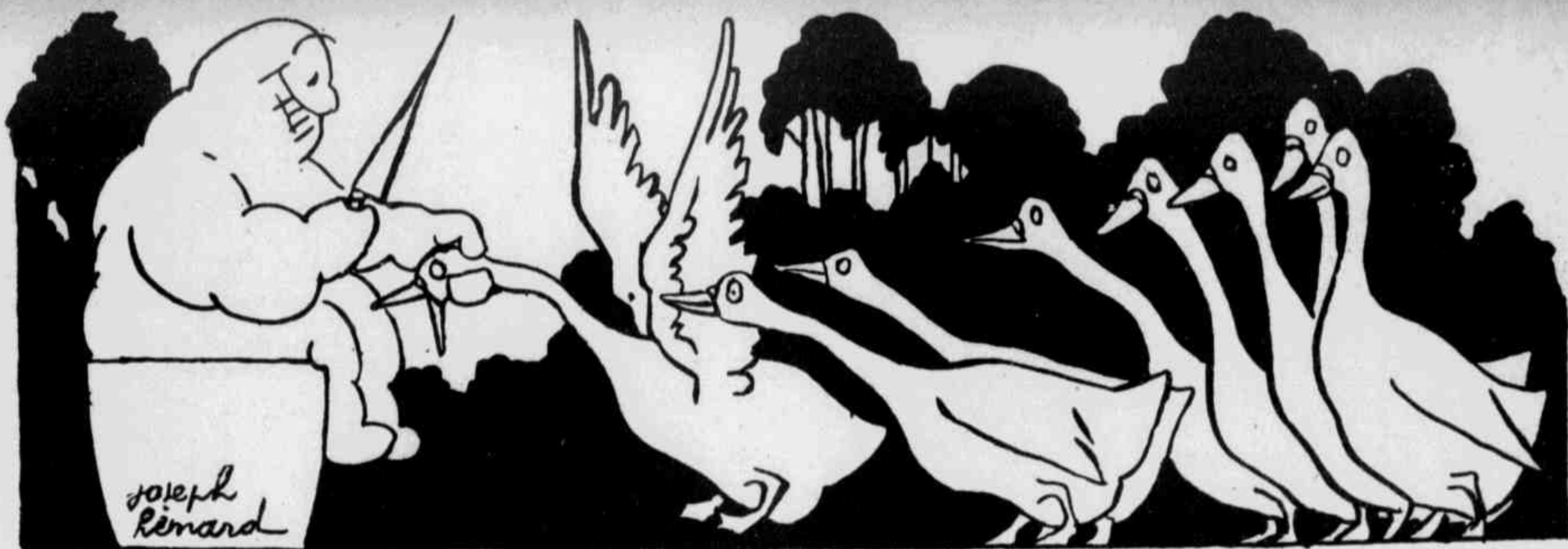
Senhorita Sucena
"Rainha de Copas"

Senhorita Celeste Hodge,
"Moby-Dick"

NO TRIANON E NA SOCIEDADE HIPPICA

Senhorita Maria Emiliana de Campos Salles, "Russa"

Senhorita Cecilia Lara Campos, "Anna Bolena"

Senhora Louise Reynolds, "Cossaco"

Pequenas historias de todo o mundo

Esta é de Collete e se intitula "A mão".

Dois jovens casados ha quinze dias. A mulher ainda acordada, olha de repente a mão do marido abandonada sobre as cobertas: Mão simiesca, crapulosa, que até então não havia notado, mão de assassino e, quando o marido desperta, sentindo-a estremecer de medo, interroga-a, ella começa a sua vida de duplicidade, de resignação, de diplomacia vil e delicada, curva-se e beija humildemente a mão monstruosa.

No final do segundo acto, de uma peça muito pathetica, a estrella-directora que fazia o papel de uma mãe que recebe a noticia da morte de seu filho, atira-se sobre um divan soluçando. O acto estava terminado, mas o machinista, muito commovido, esquece a obrigação. E o panno continúa levantado!

Então, a directora, desperta na artista, esquece as lagrimas desta e grita com uma voz agudissima:

Estás dormindo? Idiota! E o panno?

Isso lembra certa representação de "Jeanne d'Arc".

No fim do primeiro acto, Jeanne fica em extase, ouvindo vozes numa pose de estatua...

Mas, como o panno não descesse, ouviu-se distinctamente Jeanne d'Arc gritar para o céo: « Panno, cretino!... panno! »

Um dos nossos immortaes — não vale a penna dizer-lhe o nome — está em plena ruina intelectual.

O seu espirito, outrora tão vivo, se enfraquece cada dia mais. Era um homem que tinha sempre resposta para tudo e, hoje só com muita difficuldade formula uma replica.

Conversavam diante da senhora X sobre essa decadencia:

— E' sim! disse a espirituosa senhora, elle ainda abre... mas é preciso bater duas vezes!

Junto a mesa de um bar estão reunidos varios escriptores. Discutem sobre cinema.

Um delles, figura muito conhecida e admirada diz:

—Não posso supportar o cinema. Mas tenho um empregado que passa a vida percorrendo-os. E' uma coisa temivel; não para os empregados, mas, para os patrões... Esse rapaz uma occasião foi oito dias seguidos á mesma fita...

— Pra que?

— Nessa fita via-se uma linda rapariga de pé na plataforma do ultimo carro de um trem de ferro. A linda rapariga tirava a blusa, a saia e diversos outros accessorios. No momento em que devia tirar a ultima peça de roupa o trem passava e não se via mais nada...

— Então?

—O meu empregado tinha esperança de que um dia o trem se atrazasse alguns instantes...

A elegante senhora é uma devóta fervorósa do Deus-Bibelot e uma competencia no assumpto. Ah! ninguem a engana! Certo dia, como de costume, entrou num b r i c - à - b r a c... o mais bric-à-brac que é possivel. Um sonho! O negociante se precipitou, farejando o negocio.

— A senhora deseja qualquer curiosidade? Tenho coisas interessantissimas. Acabo de adquirir algumas peças da colleção do barão de X..., peças rarissimas: Um casco que pertenceu a Carlos Magno.. uma espóra de Philippe Augusto...

— Sim... sim... suspira a senhora

—O craneo authentico de Richelieu..

A senhora não resistiu mais:

— Obrigada... já tenho um muito interessante...

— ??

— Sim... o de Shakespeare quando criança.

ACASO

POR LILIKA NAKOS

"E AGORA, repousa; aqui está o teu quarto, e si tiveres necessidade de alguma coisa, é só chamar por mim... Vá, precisas descançar um pouco", assim disse Vasso, a esposa, olhando com ternura o marido. "Queres que tire as tuas botas? Queres mais um copo de vinho?" Andava em torno delle sem coragem de se afastar. Era uma mulher pequena, morena, com um rosto muito meigo, que a alegria embellezava. Meu Deus, o marido! Ha quantos annos ella não o via assim, de perto? As entrevistas apressadas atravéz das grades da prisão, sempre na presença de terceiros, não se contam. Não é verdade? Sim, havia já seis annos; seis annos inteiros ella tivéra que se manter só, sustentar o filho, pôr alguns vintens de lado, e até comprar a casinha, com o pequeno café na loja, que ella dirigia tão bem, naquelle recanto da aldeia.

Mas como tudo isso se esquece logo quando se tem a alegria de revêr o marido, andando de um lado para o outro, no quarto claro e limpo, arranjado com o pensamento nelle! E o marido não mudára muito; apenas o cabello embranquecêra prematuramente nas fontes, e contrahira o horrivel rheumatismo que, ás vezes, o fazia soffrer muito; podia-se dizer que se assemelhava ao rapaz que ella conhecêra uma noite, e que lhe sacrificára os mais bellos annos da mocidade...

"E agora, eu vou me embora, disse Vasso, pela centesima vez. Vou me embora e tu vaes procurar dormir um pouco, isso te fará bem, deves estar fatigado, não tens habito de caminhar tanto; a estrada, da fortaleza até aqui, é longa..." Sahiu, emfim, fechando lentamente a porta.

João quiz ir se debruçar na janella, mas a luz forte do dia lhe feriu os olhos; recuou. Fazia calor, o céo estava de um azul intenso, do jardim subia o barulho monotono de uma nóra movida por um velho cavallo. O homem examinou todo o quarto, notou que, junto com as santas imagens, a mulher puzéra a corôa de noiva, e suspirou com a recordação do casamento. Que estranha coincidencia! Lá se iam justamente seis annos desde o casamento, e a extraordinaria aventura da sua união com essa mulher que, naquelle momento ainda, elle não conhecia mais do que um homem que vê passar uma mulher na rua, lhe veio ao espirito. Sim, uma historia engraçadissima!

Até agóra não comprehendia bem. Para dizer a verdade, tudo se passára sem que elle se désse bem conta do que fazia. Fôra num desses momentos da existencia em que a alma se manifesta num transporte de amor e de piedade. E João se reviu joven: não tinha ainda 25 annos, a barba descuidada, emagrecido por causa das privações, e por ter atravessado as montanhas com mêdo dos soldados, deixando atraz delle um passado duvidoso, e disposto a fugir para o extrangeiro, naquella noite, com um passaporte falso. E por isso se arriscára, ao ponto de descer até a pequena cidade do Peloponêso, á beira do mar, e se occultára no castello em ruinas á espera da noite. Lembrava-se como si essa historia, já com seis annos, datasse da vespera. Cochilava sobre um monte de feno, escondido atraz do muro, quando ouviu alguem caminhar no pateo externo. O coração bateu-lhe apressado. Poz-se de pé incontinenti, prestes a saltar para o outro lado da muralha. Mas socegou logo, avistando a silhueta fina de uma rapariga que parecia sem ar, por ter corrido muito. Trazia uma saia de côres vivas, um corpete decotado, e estava com a cabeça descoberta. Olhava em torno, assustada, e parecia um pobre passaro engaiolado. Mas, como reinava o silencio, socegou. Sentou-se á beira do poço, no meio do pateo, e de repente desabou em soluços. Chorava, o rosto occulto nas mãos, com tanto desespero e abandono, que João se commoveu, mas não ousava sahir do esconderijo e se mostrar. Isso durou algum tempo. O dia morria. As montanhas, ao longe, se tornavam roxas, e o grande cypreste perto do poço cobria-se de purpura sob os ultimos raios de sol. Depois, no céo calmo, as estrellas se mostraram de uma em uma. No páteo abandonado, as plantas aromaticas e os jasmins selvagens perfumaram a noite limpida e quente. A mulher deixou de chorar, mas continuou no mesmo logar, muda e tranquilla como si a calma da noite de verão houvesse penetrado nella. Levantou-se, depois, em busca de um abrigo, com certeza para dormir, e procurou se accommodar num tufo de plantas, junto do muro onde estava João. Foi então que o viu. Deu um grito de pavor e recomeçou a chorar e a morder as mãos: "Não me denuncie, não me denuncie, gemia, com o corpo todo tremendo, tenha piedade de mim, que o Bom Deus o protegerá".

"Ora, fez João sorrindo, esta é muito boa! Porque te denunciar? Sei lá quem és?..."

— Ah! é verdade... disse ella, como que aliviada de um grande peso; está escuro e eu não vi o teu rosto, pensava que eras do paiz."

O homem disse, a rir:

— Que fizeste para que sejas tão conhecida nos arredores?

A rapariga não respondeu; sentou-se no chão e suspirou profundamente.

— Queres comer alguma coisa? perguntou-lhe João. Tenho, no meu sacco, pão e azeitonas...

— Quero, sim.

E calou-se.

Então João fez um pouco de luz com a sua lanterna de bolso, e viu que ella chorava comendo um pedaço de pão. Grossas lagrimas corriam-lhe sobre o rosto infantil. Jamais elle vira tal angustia nos olhos de uma mulher. Sentou-se numa pedra em frente della, tirou do sacco algumas azeitonas, e sem dizer nada, poz-se a comel-as. Tudo estava tranquillo. Só se ouviam ao longe, no campo, os latidos de um cão. De repente, Vasso deu um grito e deixou cahir o pão. Um morcego acabava de bater na parede.

— Meu Deus! que medo! Imagino sempre que correm atraz de mim.

E, como si suffocasse guardando mais tempo o seu segredo, com uma necessidade immensa de confidencia, occulta na obscuridade, contou a João a vida de miseria e de vergonha. Disse que era de uma aldeia perto de Sparta, que a avó a educara, e que, aos doze annos, a puzera como criada em casa de uma familia da cidade. Que o dono da casa, homem debochado,

céo calmo, as estrellas se mostraram de uma em uma. No pateo abandonado, as plantas aromaticas e os jasmins selvagens perfumaram a noite limpida e quente. A mulher deixou de chorar, mas continuou no mesmo logar, muda e tranquilla como si a calma da noite de verão houvesse penetrado nella. Levantou-se, depois, em busca de um abrigo, com certeza para dormir, e procurou se accommodar num tufo de plantas, junto do muro onde estava João. Foi então que o viu. Deu um grito de pavor e recomeçou a chorar e a morder as mãos: "Não me denuncie, não me denuncie, gemia, com o corpo todo tremendo, tenha piedade de mim, que o Bom Deus o protegerá".

"Ora, fez João sorrindo, esta é muito boa! Porque te denunciar? Sei la quem és?..."

— Ah! é verdade... disse ella, como que aliviada de um grande peso; está escuro e eu não vi o teu rosto, pensava que eras do paiz."

O homem disse, a rir:

— Que fizeste para que sejas tão conhecida nos arredores?

A rapariga não respondeu; sentou-se no chão e suspirou profundamente.

— Queres comer alguma coisa? perguntou-lhe João. Tenho, no meu sacco, pão e azeitonas...

— Quero, sim.

E calou-se.

Então João fez um pouco de luz com a sua lanterna de bolso, e viu que ella chorava comendo um pedaço de pão. Grossas lagrimas corriam-lhe sobre o rosto infantil. Jamais elle vira tal angustia nos olhos de uma mulher. Sentou-se numa pedra em frente della, tirou do sacco algumas azeitonas, e sem dizer nada, poz-se a comel-as. Tudo estava tranquillo. Só se ouviam ao longe, no campo, os latidos de um cão. De repente, Vasso deu um grito e deixou cahir o pão. Um morcego acabava de bater na parede.

— Meu Deus! que medo! Imagino sempre que correm atraz de mim.

E, como si suffocasse guardando mais tempo o seu segredo, com uma necessidade immensa de confidencia, occulta na obscuridade, contou a João a vida de miseria e de vergonha. Disse que era de uma aldeia perto de Sparta, que a avó a educara, e que, aos doze annos, a puzera como criada em casa de uma familia da cidade. Que o dono da casa, homem debochado, o viver em mim, meu Deus! tenho tanto mêdo de morrer!

E torcia os braços desesperada. João ouvira-a, sempre sentado diante della. Lembranças confusas vinham-lhe á memoria. Recordava-se de sua mãe e do costume della, quando moça, de tomal-o nos braços e apertal-o de tal forma contra o peito, que elle perdia a respiração. E do fundo da infancia chegava aquella voz quente e cheia de ternura... Depois, reviu-a velha, enrugada, ferida pela dôr, no dia em que o avistou entre dois soldados... Foi então que se passou nelle qualquer coisa de extraordinario, que ainda hoje não sabe explicar. Lembra-se apenas que disse com uma voz clara, que

nem parecia a delle, estas palavras que deviam assignalar o seu destino:

— Escuta, mulher, não chores mais, vou ser o pae do teu filho. Amanhã ao amanhecer iremos á capella visinha e nos casaremos. Sou um homem perdido; a minha consciencia está pesada. Talvez Deus me perdôe por eu adoptar essa creança.

E João, em seguida á cerimonia do casamento, foi se entregar á justiça. E vieram os primeiros mezes passados na fortaleza, ancioso, triste, arrependido do que fizéra, chorando a liberdade, chamando-se de louco e de imbecil, até o dia em que a mulher lhe levou, nos braços, "o filho". Mostrou-o, pondo-se na ponta dos pés, atravez das grades da janella. Ao vêr aquelle pequeno ser sem defesa, aquella carne fragil e delicada, o homem se sentiu commovido até o mais profundo do seu coração. Desde então, vivia na esperança de rever a creança. Todos os domingos ficava, do alto da janella, espreitando a estrada empoeirada, para ver si Vasso vinha com o bêbê. Amava-o com delirio, como si, na verdade, o pequeno bastardo, de pae desconhecido, fosse seu proprio filho. Aliás, todos estavam convencidos disso, e ninguem duvidava da sua paternidade.

Disse-lhe uma vez um detento que ninguem ia visitar:

— E tu és feliz ainda, porque tens uma mulher que parece te amar muito, e um filho que te dá alegria.

Elle não esquecerá nunca o dia em que o garoto já grandinho, sentado nos joelhos da mãe, buscou-o com os grandes olhos, e disse a primeira palavra: "Papae". João acompanhou, de semana em semana, o desenvolvimento da creança, com a maior ternura. Sim, sentia bem que aquella creança lhe pertencia mais do que si fosse do seu proprio sangue. O garoto, como si comprehendesse isso, affeiçoava-se muito mais a elle do que á mãe. Quando terminava a hora da visita e que sôava o sino da prisão, para que as pessoas sahissem, eram taes os gritos e tal o pranto do pequeno que todos se voltavam para ver. Agarrava-se com as duas mãosinhas nas grades de ferro, soluçava, sem querer deixar o pae.

Os annos passaram. O filho de João tornára-se um lindo menino e conquistára o coração de todos os prisioneiros. O velho guarda deixava-o entrar todos os dias na prisão. Elle brincava no pateo interno, conversava com a sentinella, e de vez em quando levantava a cabeça para a janella, lá em cima, onde João se achava, por traz das grades, e lhe enviava um sorriso. Um dia, Vasso chegou na prisão sem poder respirar, vermelha, agitando, de longe um jornal. Vinha annunciar a boa nova. Queria ser a primeira a dar a noticia. O "Papas" (padre) que era só quem sabia ler na aldeia, procurára-a para lhe dizer que o novo governo perdoára alguns prisioneiros, e entre elles João. E naquella manhã, João deixára a fortaleza. Como elle respirára deliciado, o ar do campo! Um esplendor, o mundo! E que felicidade, entrar em casa, ser esperado pela mulher, encontrar uma casinha clara, rodeada por uma vinha, e tudo isso conseguido pelo trabalho dessa creatura fragil que elle mal conhecia...

João rolava na cama, sem poder dormir, sorvia com prazer o cheiro da roupa limpa que se desprendia do leito, quando ouviu passos apressados na escada, e depois, a porta se abrir sem ruido... Era com certeza o filho. Fechou rapidamente os olhos fingindo dormir. A creança veiu andando de vagar, na ponta dos pés; espiou se o pae dormia, subiu na cama, e docemente cobriu-lhe o rosto de beijos.

ANDANTE

ANTONIUS

Hei de encontral-o sempre, onde quer que me levem o Destino e as minhas tendencias nomades de neto de ibero. (E' provavel que algum vago ancestral meu fosse bastardo de arabe.) Hei de encontral-o sempre para o resto da vida.

Da minha infancia, ficou-me bem viva a recordação da sua pessoa vagabunda.

Encontrei-o mais tarde, já na adolescencia, levado á minha frente pelos seus passos sem nexo, indefectivel em todas as paizagens que eu olhava, em todos os cafés onde eu ia fumar. Se me recolhia pela noite alta, passos que resoassem no silencio da hora tardia eram fatalmente os seus. Viajei. Transpuz mares e mudei seguidamente o *décor* dos meus dias: na multidão que enchia a *gare*, que acenava do cáes, que se acotovelava no vestibulo do hotel lá estava elle. E, quando creio, hoje, que o deixei para traz na vida, esbarro-me com elle ao dobrar a esquina mais proxima, ao subir no bonde ou ao descer escadas.

Não é allucinação. São os mesmos sapatos por engraxar caminhando desparelhados, como se fossem tomar rumos oppostos; são as mesmas pernas bambas, desconjuntadas de fantoche e, por cima de tudo, o mesmo feltro molle a esconder dois vidros vesgos.

"Os que têm fome" — Lithographia de George Grosz

Sei-lhe o nome, a biographia, os exames de academia, os vicios e os credores; sei-lhe os escriptos, a má prosa, os versos malsôantes, a idade, os amigos, as aventuras, a côr politica e as tolices mais intimas . . . tudo! Sei que o encontrarei ao sahir da redacção, ao tomar o bonde, quando fôr comprar cigarros.

Só não lhe sei a casa, onde mora e onde dorme. Acredito que não more, que não durma, que não pare nunca o seu eterno passeio, que não cesse mais de perambular emquanto durar a eternidade, que seja a ultima pessoa que eu veja antes de morrer e a primeira que eu encontre na outra vida, esse Ashaverus da paspalhice, *chemineau* da toleima, caixeiro viajante da bobagem . . .

Villa Lobos em acção

Instantaneos da Exortação Civica que o nosso grande compositor realizou em São Paulo, ao ar livre, com um côro de 12000 vozes cantando a musica nova do Brasil.

A I N D A . . .

No Club de Regatas do Flamengo

BAILES DE CRIANÇAS NO CARNAVAL

No Rio Cricket Club, em Nictheroy

No Country Club

Em S. Paulo
Na vesperal infantil
Sociedade Hippica

(Photo Cerri)

No Club de Regatas Botafogo

Decy, filha do nosso photographo em Nictheroy, Manoel Fonseca

No Club Central em Nictheroy

Na Embaixada de Portugal

Antes do banquete que o Senhor Encarregado de Negocios da Nação Irmã offereceu á officialidade do cruzador "Carvalho Araujo", domingo passado.

ENLACES

Iarema Bentemüller — Manoel José Adriano.

Senhora — Dr. Amadeu Felicio dos Santos (Maria Julia Felicio dos Santos Brant) no dia do seu casamento.

HABEAS - CORPUS

PEDRO R. WAYNE

Querem exilar o Sr. Lyrismo. Mas de que geito? Correl-o para fóra das fronteiras do parnaso-brasileiro. Cabras bestas: não vêm que esse moço não ha revolução que o exile.

Só se a poesia for com elle. Sosinho não vê que ella aguenta. Não se devorciam como qualquer casal de Hollywood. Dizem que Deus é brasileiro. Só se é naturalisado. Pelo menos veio parar no "Monte Paschoal", nas caravellas do Cabral, com as camisetas do "Vasco", nos mastros feito velas, fazendo do acaso timoneiro. E aqui já encontrou de tanga, esgrimindo o tacape e can-cancanando o boré e a inubia; o Lyrismo agrupado em tribús e embeiçado pela virgem nua, sarapintada de tatuagens e missangas.

E elle se ajoelhou na primeira missa. Na missa campal, em em que o gallo não compareceu, e que o sol no alto éra um santissimo de ouro, porque viu pelos apparatos que aquillo éra mais umas grammas de sonhos para cocainizar o seu sentimentalismo. E por isso Tupan bronzeado fez frente unica com o loiro crucificado. Se não fosse isso éra capaz de comel-o crú.

Invenção as catequeses jesuiticas. Foi elle, o Lyrismo, quem catequisou o gosto dos sacerdotes, dos capitães geraes, colonos e deportados para embranquecer os borrões africanos que os porões dos navios despejavam aqui. E o portuguez levou a fama. E' a historia do periquito e do papagaio. Essa raça de ruivos encardidos, essa palheta confusicionista das misturas das cores nos semblantes nacionaes, é obra delle. E agóra o quer deportar.

Mas como ? !

Nesta terra de Bahia de Guanabara "Miss Mundo". De Rio "Recordman em volume dagua". Cachoeira "Campeão de salto em altura" Panorama "Premio de viagem nas gazetas de outros povos". Mulheres "Miss Universo e seus suburbios". Onde Christo já encontrou um collega de braços abertos entronisado no Corcovado e Moêma em falta de cyanureto tomava asphyxia por submersão. Deem o fóra os innovadores, que o lyrismo não sabe.

Está na terra delle.

Só se descarregarem todo o Brasil no extrangeiro.

MÃE E FILHO

Gravura em madeira, de F. Vanden Berghe

O HOMEM

COLAK foi despertado ao amanhecer pelo chôro do filho. Ainda meio adormecido, esfregou os olhos e lançou o grito de guerra:

— Hê! Goldé, o teu bastardo está gritando!

Ninguem respondeu a Colak. Pouco a pouco, convenceu-se da verdade: estava só com o menino.

No primeiro instante ficou espantado: onde teria ido Goldé, tão cedo? Mas socegou; poderia estar no riacho, lavando roupa.

Vestiu-se, um pouco perturbado. Mentalmente avaliava os candelabros de prata que haviam conseguido roubar naquella noite. Subiu, de quatro em quatro, os degráus que levavam ao celeiro para apalpar os objectos preciosos, mas não encontrou nada! Em vão remexeu em todos os cantos, pondo o celeiro em desordem; nada. Apressado, desceu e se atirou ao armario das roupas de Goldé. Lá tambem não havia mais nada! Então todo o mysterio se esclareceu, elle comprehendeu tudo! Goldé fugira. Uma fuga, sim, sem duvida, mas na companhia de quem? Teria sido com o serralheiro Schloïmé ou com Haim Gub?

— Vá! quebrem-te as pernas e os braços! que todos os annos te sejam máos! praguejava o abandonado, procurando se consolar. E, desdenhosamente, cuspia nas paredes. Bello negocio! hi! hi! hi!

De novo olhou para o menino.

— Que fazer do "bastardo"? murmurou Colak. Si ao menos soubesse onde ella estava, iria atirar-lhe a criança na cara, dizendo-lhe:

— Toma, isto é pra ti!

Depois veiu-lhe uma idéa má. O rosto empallideceu, e com as mãos tremulas mordia o labio superior. Correu para o pequeno que no momento chupava os dedos, sorrindo docemente.

Vendo isso, Colak poz o gorro e, fechando a porta á chave, tomou o caminho da cidade.

Não se afastára ainda dez metros e já o coração se affligia. Nos seus ouvidos resoavam os gritos agudos do menino, imaginava-o batendo as pequeninas pernas, buscando com os olhos o papae. Não podendo continuar voltou em direcção á casa.

— Ah! si agarrasse aquella vagabunda, eu a estrangularia; faria a lingua saltar com a pressão dos meus dedos...

Comprou uns pãesinhos. Em casa encontrou o filho calmo; um meigo sorriso illuminava-lhe o rosto. Vendo isso, Colak tornou a partir, praguejando.

Entretanto, ainda dessa vez, não poude ir muito longe. Apenas dobrára a esquina e já ouvia o pequeno chorar... Fez tudo para se distrair. Era mais forte do que elle, uma vontade mysteriosa empurrava-o para casa.

Dessa vez o filho chorava mesmo, e balbuciava: "Mam... mam..."

Ouvindo isso o sangue subiu ás faces de Colak:

— Que? chama por ella? Váe procural-a!

Colak tomou o pequeno nos braços. O pobresinho encostou-se muito ao pae, enfiou as mãos no peito delle.

Sempre esbravejando contra a fugitiva, acariciava as faces rosadas e gorduchas do menino: "Seha, Schloimélé, Seha, meu filhinho, não chóra mais, não chóra mais!"

O pequeno, obstinadamente, procurava com as mãos e com a bocca, mexia a cabeça como para dizer alguma coisa! O pae apertava-o contra o peito. Encontrando uma tijela de leite, molhou o pão para alimentar o esfomeado.

— Bom appetite, meu querido; que a tua mãe seja extirpada! estás salvo! Uma porca não abandona os seus filhos, ella é peor que porca. Uma gata não sacrifica os

seus, ella é mais malvada do que uma gata. Fica tranquillo, eu não te abandonarei!

Depois que o pequeno bebeu e comeu bastante, Colak enrollou-o num chale e partiu com elle para a cidade.

Diante do açougue dos Gradnik, foi um acontecimento! De todos os lados partiam gritos sonoros: "Colak passeando com um mômo!" Interpellaram-no: "O' velho Colak, onde pescaste isto?"

A Gradnik correu jovial, os braços abertos para segurar o menino. E, dando pequenos tapas nas costas de Colak, perguntava-lhe:

— E' teu, Colak? Jura! Olhem o nariz, é igual ao da Marina! Isto é que é um garoto! Bello como uma corôa! Venham ver!

O velho Gradnik, maneta, chefe dos gatunos, levantou-se vagaroso, chegou junto do pequeno, examinou-o minuciosamente, e batendo nas costas de Colak, disse:

— Esplendido. Desejo que mais tarde possa pular os

E A CRIANÇA

Por SCHALOM ASCH

muros e passar pelas mais imperceptiveis fendas! Mas, quem é a mãe?

— Que o fogo lhe queime os olhos onde estiver! Fugiu carregando os bellos candelabros!

— E o mômo, ficou-te nos braços?

— Como vês!

— Isso não está direito! disse o velho Gradnik, coçando a cabeça.

O joven Gradnik approximou-se por sua vez e disse a Colak:

— Muito bem, não precisas mais trabalhar, meu velho: transforma-te em ama!

Colak, aborrecido, respondeu: "Não te preoccupes commigo. Deus é pae e Colak... é Colak!"

E partiu com a criança nos braços.

Tinha a impressão de que todos o apontavam.

Colak respondia aos que o debochavam:

— Que? estão rindo? Carrego um mômo, mas vocês têm muitos filhos! que o choléra os abata!

Caminhou em linha recta até o bosque. Não havia ninguem, apenas o ruido monotono das arvores lhe chegava aos ouvidos. Depois foi attrahido por um riacho cuja agua murmurejava em cascatas. Deitou o menino no chão e olhou-o, desesperado. Em silencio, o pequeno chupava os dedos e sonhava talvez com a mãe... Colak não sabia o que fazer com o filho, e procurava se desfazer daquella carga. Mas uma piedade angustiante, profunda, enchia-lhe o coração. Retomou o menino nos braços, apertou-o paternalmente contra o peito e olhou-o tão tristemente, com tanto amor e ternura que o pobresinho deve ter comprehendido, porque sorriu reconhecido.

— Quem és tu, Schloimé? De quem és tu? Onde está tua mãe? Queres vêr tua mãe? Queres?

O pequeno remexia as pernas e sorria.

Colak reconheceu no rosto do menino o seu proprio rosto.

— Pequeno Colak, trata de ser um homem! Aprende a dar busca nas caixas, quebrar as fechaduras, arrebentar os cofres-fortes. Terás por tua vez, varios filhos; a mãe os abandonará. Quem és tu, um pequeno Colak? Meu? Meu, meu!...

Depois, metteu-o debaixo do casaco para aquecer a tenra carne com o contacto da sua carne pelluda. Depois, deitou-o sobre a relva fina e foi se esconder, a alguns metros de distancia, atraz de uma arvore.

O pequeno continuou chupando os dedos e dizendo: "Mam... ma, man..."

O pae afastou-se, ainda mais, tão longe, que apenas vagamente ouvia o murmurar do pequeno. Colak seguiu sempre até que chegou á cidade. Mas uma vez fóra do bosque o chôro do menino lhe chegava claramente aos ouvidos. Distinguira a voz aguda, clara. O coração palpitava, a testa esta banhada em suor, as mãos tremiam, e elle fugia sempre. De repente, parou, e, depois de olhar em torno, voltou em busca do filho. O pequeno chorava... e murmurava: "Ma... ma, ma, maman!"

Resoluto agarrou o menino, e, com a voz estrangulada, lá se foi a mendigar em todas as portas:

— Um pouco de leite para um orphão, um pouco de leite para um pobresinho que perdeu a mãe!

"CRIANÇAS POBRES"

Desenho de Maximilien Luce

INCOMPREHENDIDO IDEAL

Por MITSI

(Des. de CARLOS NEVE)

(MEXICANO)

PRAIA de Copacabana. Tarde azul. No encantamento daquella tarde, alguem passa. Um coraçãosinho estremece. Os olhos de uma garota sentimental acompanham o vulto moreno que passa. Quebrando aquella contemplação, soa a voz amiga de quem a acompanhava:

— Você viu quem passou?

— Sim Antes que os seus, meus olhos viram.

— Ficou triste por tel-o visto?

— Não. E' sempre uma ventura vel-o no acaso de uma tarde linda, embora, depois meu coração soffra a desventura de ver nos olhos verdes a indifferença.

— Elle a esqueceu. Por que você não faz o mesmo? Si é difficil procure um outro alguem, alguem que possa ser maior do que elle.

— Esquecer! . . é uma palavra cruel, uma palavra desconhecida pelo meu coração. Esquecel-o... é impossivel! Ninguem poderá tomar o seu logar. E embora esquecida, embora desprezada, minh'alma continua a adorar, a ser toda ternura e carinho para quem n u n c a a soube comprehender.

Muito alto o elevei. Acreditei ser elle differente dos homens que conhecia. Seus olhos verdes diziam muita palavra bonita. E, fascinada, meu coração acreditou ser possivel elle querer-me com o affecto, sonhado e ambicionado pelo meu sentimentalismo.

— Mas como?.. si este alguem não te podia amar?!

— Não era amor o que eu ambicionava. Não era amor o que, na prece muda de meus olhos, eu supplicava aos olhos verdes. Não era amor o que eu podia querer, pois não desconhecia já estar o seu destino preso a um outro destino.

— Não!.. A minha ambição era uma amisade nobre e sincera. Uma amisade cheia de poesia e encanto. Uma amisade que na communhão de dois corações, de duas almas, se espiritualizasse na eternidade de uma mesma e unica ventura.

— Muito você ambicionava de um homem, tanto que de cumplicidade com o destino elle tudo destruiu.

— Sim, tudo se foi porque elle assim quiz. Mas ficaram a saudade e a affeição incomprehendida do meu pobre coração.

Hontem... eu... elle... a felicidade...

Hoje... eu... a solidão... a saudade... a saudade a tanger a cithara do passado, para que meus o l h o s deslumbrados, atravez da magia da illusão, vejam o esplendor dos dias de hontem, aquelles dias illuminados pela luz ardente de uns olhos verdes!..

— Você devia desprender-se deste passado.

— O passado encerra uma felicidade. Destruil-o seria arrancar de minha vida a unica ventura que possuo: a ventura de adorar atravez da saudade.

— O s e u sentimentalismo exaggera e phantasia tudo. Você quiz um impossivel.

— Não seria um impossivel, si elle me tivesse comprehendido. O destino juntos nos collocára.

— Mas, o encontro entre vocês dois foi tarde de mais. Já existia uma outra...

— Sim, tarde demais o conheci. Reconhecendo os direitos da outra, não me passou pela cabeça tomar-lhe esses direitos. E por isto, sem exigir nada, sem tentar como mulher vencer a outra mulher, apenas para meu coração queria a migalha de uma sympathia. E si e l l e me tivesse comprehendido, teria dado á minh'alma a espiritualidade do affecto ambicionado. Um affecto que para não se parecer com as cousas da terra, tivesse os olhos voltados para o céo. Um affecto que prendendo nossos corações fizesse do minuto espiritual que o destino nos permittia viver, um sublime encantamento. Um affecto que seria glorioso, porque a sua suprema gloria estaria em nada ambicionar.

Para conquistar esta affeição, muito fez meu coração. Em melopéas de ternura pediu aos olhos verdes que lhe dessem em sua vida um logar pequenino, um logarzinho que jamais ninguem tivesse o direito de tomar-lhe. Era esta a minha suprema ambição. Era este o meu supremo anhelo.

Em palavras de ternura, certa vez, elle disse ser realidade o meu ideal. Nos olhos verdes acreditei ver, no poema de sua ternura, uma promessa. A promessa linda de que elles, s e m p r e, sorriram de affecto para mim.

A certeza de ser querida me trouxe as maiores venturas. Era feliz, immensamente feliz. E na alegria de meu coração, b a i l a v a deslumbrada a minh'alma de g a r o t a. No emtanto, num dia cruel, senti que a felicidade se fôra. Não mais existia o esplendor. O meu ideal, tendo as suas azas partidas, tombára ferido pela sua incomprehensão. E na destruição da mais linda felicidade vivida, meu coração chorou a ingratidão de alguem.

— O altruismo de uma affeição que nada ambiciona, Deus sómente creou para as mulheres. Ellas são as unicas capazes de no pedestal de sua dignidade fazer o sacrificio da renuncia, sem descer um degráo. Quanto aos homens . . . façamos um silencio sobre elles. . .

— Sim, os homens... Sem um adeus, uma palavra, elle se foi. Procurei saber onde elle estava. Consegui. Numa ultima esperança tentei falar-lhe. E como a esperança sublime que encerrava em sua cathedral o meu ideal incomprehendido, esta ultima esperança tambem, em lagrimas se desfez sobre meu coração. Elle cruelmente mostrou que eu o importunava...

— Pobre amiga!

— Muita vez, no acaso do destino, temos n o s encontrado. Sempre indifferente elle segue o seu caminho. E na immensidão do meu desespero se perde a pergunta: por que elle fez assim commigo?.. eu que só ambicionava o direito de ter em sua vida um logarzinho que, em segredo, elle escondesse de todos dentro do seu coração!..

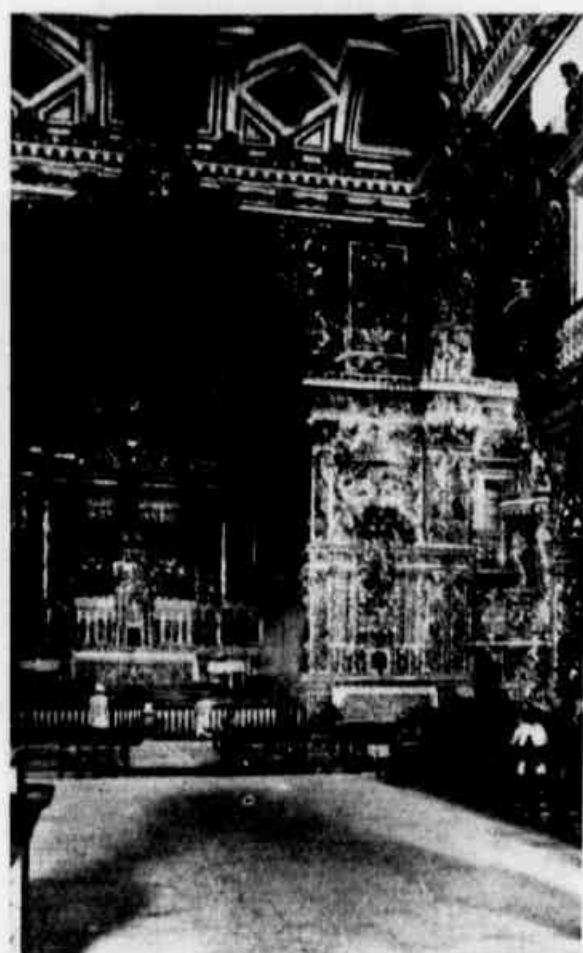
— Pobre creança!. Você quiz tornar perfeita uma affeição esque-

(Termina no fim do numero)

B a h i a

Pharol da barra

Convento do Carmo

Vendedores
de
fructas

Igreja de S. Francisco

Vista da capital

Do Carnaval Que Passou

No baile da Athletic Association: um lindo grupo de "Hespanholas".

"Eu vou vêr o que posso fazer por você", bloco que fez successo em Nictheroy.

Em baixo: homenagem do Club Ameno Resedá ao presidente da Associação de Imprensa, Dr. Herbert Moses.

Alexandre da Costa

Quando elle colleccionava as figuras que enchem "Corações Leaes".

Um grandalhão, lá do Rio Grande do Sul. Foi Poeta. Foi Soldado. Foi Lider de Estudantes. Agora, não é mais Poeta, nem soldado, nem Estudante. E' um *camera-man* literario. Imaginou uma novella — CORAÇÕES LEAES — differente do modo por que se costuma fazer um relato romanceado: arranjou uma porção de figurinhas vivas, soprou no tubo acustico, pol-as em movimento, deante da objectiva photographica e depois de fixadas as scenas encheu os espaços em branco com enormes legendas explicativas. E ahi está CORAÇÕES LEAES. Vae sahir dentro de poucos dias. Eis uma amostra:

"E a onda augmentava e um cheiro penetrante de suores intimos misturava-se ao ether perfumado dos esguichos. Duas fantasias discretas titubearam no rumo a seguir, indecisas, deixando adivinhar, de logo, o desejo ardente de uma aventura; a ronda entontecedora envolvia-as, numa saraivada de graças foliãs, e deixava-as depois na sua anciedade de uma loucura qualquer... Lá vinha agora um bando imponente: mulatas vestidas como princezas de circo e creoulos com calção e chapéos de tres bicos.

— Theodoro! Theodoro!

O negro parou espantado, limpando o suor. E, ao ver quem o chamava, gargalhou: era Claudio.

— Co'os diabos, Theodoro! Ha seis dias que ando precisando dos seus serviços!

— Seu doutor Claudio, tenha paciencia. Nunca fugi de trabalho algum que me mandou fazer. Foi para a guerra, eu fui. Se era negocio de jogo, eu estava ali, firme. Mas, Carnaval, seu doutor, tenha santa paciencia. Nem que me désse contos de réis.

E Theodoro punha a mão sobre o bastão dourado de balisa do Rancho.

Claudio ria a bom rir:

— Afinal, que papel você representa ahi?

— Sou mestre-sala das Moreninhas Perfumosas das Laranjeiras. Estamos ensaiando desde o primeiro do anno.

— Pois você perdeu muito bom dinheiro. Era só ir até lá á fazenda.

— Qual, seu doutor. Quinhentos mil réis me offereceu o Chico Bahiano para que eu lhe cedesse o logar de mestre-sala.

E alçando o bastão deu a direcção de marcha ás Moreninhas Perfumosas.

Numa rua transversal, Claudio ouviu uma voz disfarçada chamal-o. Devia ser bella... Todo o mysterio é bello emquanto se não desvenda. Disse-lhe a fantasiada:

— A' procura de alguem, Claudio?

— De ti.

— Mas se não me conheces...

— Nestes dias não encontramos jámais quem nós queremos...

— Signal de que não me queres.

— ...signal de que queria encontrar-te. Posso ir a teu lado?

— Não; tu proprio disseste que neste tempo não encontramos quem nós queremos... Ora, eu sei quem tu és e... por isso não devia encontrar-te... A teu lado eu seria triste como o passado.

— Podia ser um passado alegre...

— Todo o passado é triste num dia como este... Se, ao menos, tivesse posto um *loup*...

O auto partiu para o turbilhão do corso. Quem seria? — pensava Claudio, intrigado. Judith, Beatriz, Lucilia, Leonor, Marisa? Ou, quem sabe, Irene? Como poderia saber? O segredo da mascara synthetizava-as todas e no esconderijo da fantasia todas eram eguaes..."

O bond do Largo dos Leões

Paulo Mac Dowell

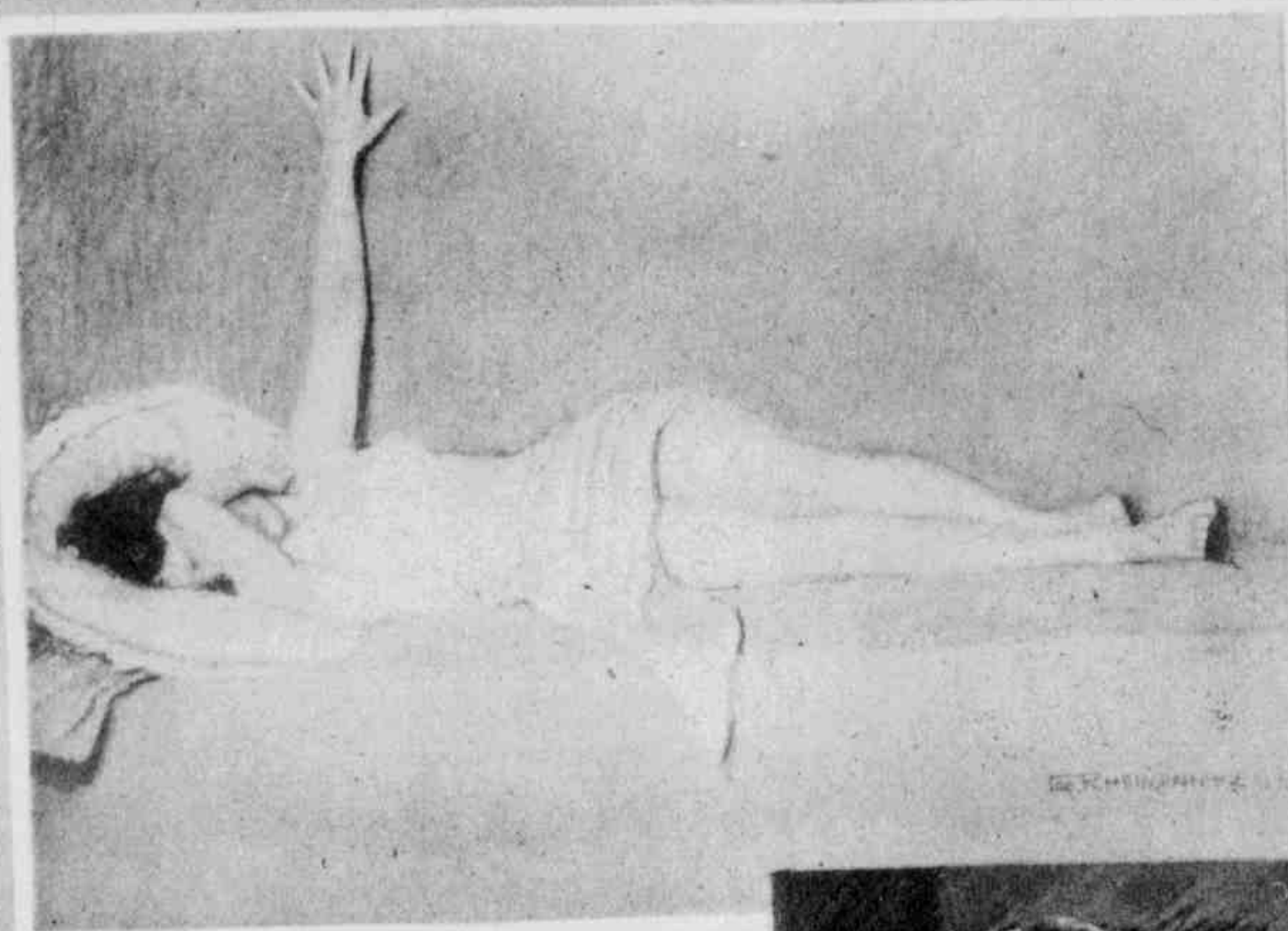
Paulo Mac Dowell.

Galeria Cruzeiro,
Seis horas da tarde ou da noite...
Como quizerem.
Bond Largo dos Leões.
O bond internacional.
Bond das francezas gastas e pezadas, que vão para o Cattete...
Bond da preta velha e cozinheira, que é empregada na Rua Voluntarios da Patria...
Bond do portuguez cheio de dinheiro que comprou um "palacete" a custa dos "seccus e mulhados"...
Bond do italiano jornaleiro, que tem sua banca no Largo do Machado...
E... toca o bond!
"Bae sahire!... Diz o conductor que é um portuguezinho recenchegado de Lisboa...
O bond sahe e o conductor cobra as passagens:
Dá o troco de uma nota de cem — ao portuguez.
De uma de vinte — á franceza... e de uma de cinco — á crioula.
O italiano não precisa trocar. Elle só tem os nickeis que ganha vendendo jornaes...
Quando o bond passa pela Bento Lisboa, dá-se uma tragedia; Atropella um cachorrinho. Uáu... Uáu... Quiúm... Quiúm... Sangue!... Tripas á solta... Figado p'ra cá, coração p'ra lá!...
Porcaria!...
Diz o motorneiro:
"Bain faito!... Doitra bês naon s'rás mais vesta!..."
A creoula:
"Ocê é tolo?!... Que curpa teve o animá?!..."
O italiano:
"Ma que grossa borgaria!..."
A franceza não diz nada porque já saltou...
Mas o bond não pára, e continúa...
"Largu du Méchado!.. Ponto de Succaon!..."
Muita gente salta.
Muita gente fica.
Muita gente entra.
O conductor esquece e cobra de novo a passagem da crioula:
"Faiz favoire?!..."
E ella:
"Ocê é burro?!... Vê lá que eu pago duas veis !..."
E o bonde continúa andando... sempre andando...
Praia de Botafogo.
Salta o portuguez cheio da herva...
Depois:
Rua Voluntarios da Patria.
Salta a preta velha e cozinheira...
Depois?
Depois é o fim da linha...
Mas o bonde não vae voltar.
E a gente escuta a voz do portuguezinho da Light que, ainda uma vez, grita bem alto para que todo mundo ouça:
"Bae Reculheire!..."

No baile a fantasia do Club Central.

O coreto de Cavalcante no Carnaval.

No baile da Athletic Association.

PINTURA

Estudo

De
G. Rheingantz

Surprehendida

Fantasia

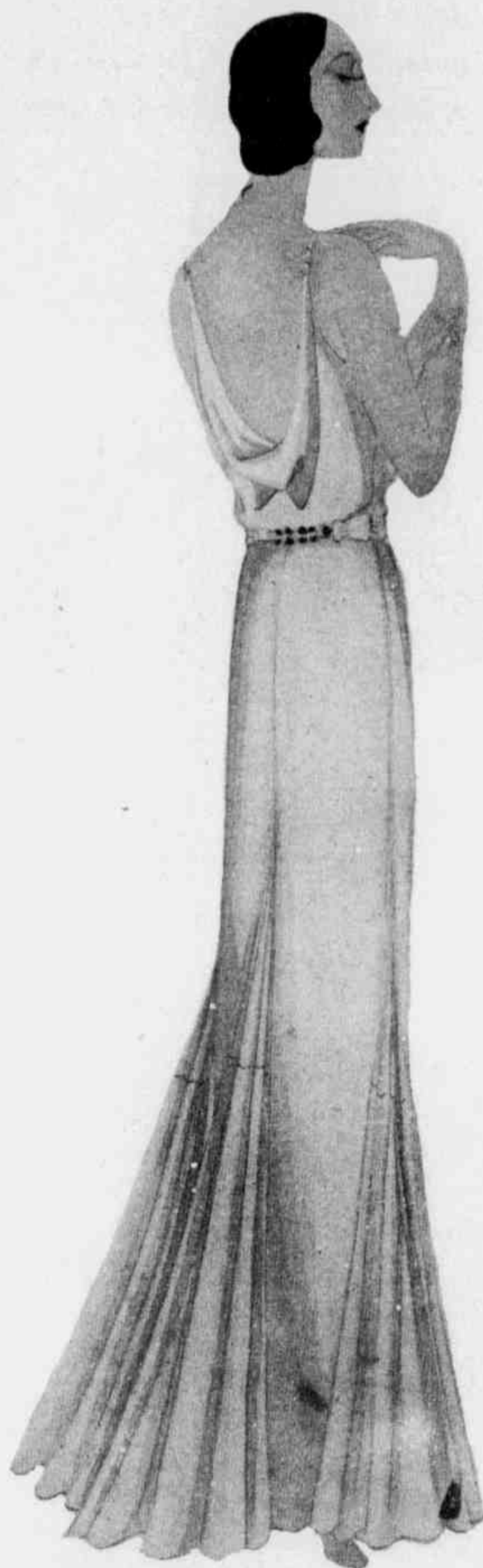
Em admiração

MO

Manteau para acompanhar o vestido roxo, em "peau de soie" lilás muito pallido, guarnecido de echarpe e punhos de vison. Modelo de Lucien Lelong.

A moda como o amor não conhece leis. Ella nos surprehende e nos deixa pasmados diante das suas desconcertantes fantasias, como por exemplo a de eleger para residencia de verão as cidades mais tropicaes, outróra visitadas apenas no inverno. E assim a nossa cidade do Rio de Janeiro está de parabens. Cada "touriste" que desembarca aqui declara que não ha nada no mundo mais embriagador do que passar na praia de Copacabana os mezes da canicula, nesse ar embalsamado, ouvindo as cigarras que cantam nos jardins a sua melodia crepitante, emquanto o vento sopra espalhando o cheiro da maresia as ondas se desmancham na areira scintillante sob o sol. De todos os cantos vem a sociedade elegante para "despir-se" debaixo do sol tropical. O verbo "despir-se" não é demasiadamente forte, pois, passa-se a maior parte do dia apenas com um leve maillot de banho ou um pyjama de tecido fino, o rosto abrigado por um grande chapéo, molemente estendida sobre a praia ou num terraço dominando o infinito.

Vestido em crepe da China roxo. Modelo de Lucien Lelong.

E' a loucura do momento. Para as elegantes que levam essa vida de praia bastam varios pyjamas, para todas as horas, umas saias, vastas blusas e alguns vagos vestidos de soirée para os jantares e as

Vestido em romain branco. Frente direita. Panneaux dos lados e atraz formando grandes godets. Modelo de Lucien Lelong.

DAS ceias, sem deixar entretanto de ter ao menos um rico pyjama para essas occasiões.

A moda opta, cada vez mais, por adornar as suas creações com bellas joias de fantasia. Ha muita coisa nova no que diz respeito á fórma dessas joias. Essa evolução é devida ao estylo colonial, que a Exposição de Paris pôz em moda. Os colares são formados por flores estylisadas, e muitos foram inspirados nos motivos de templo de Angkor. Os personagens de postura hieratica das lendas budistas, como certas mascaras da Oceania servem de motivo para broches. Da arte africana, os joalheiros tiram os desenhos das pulseiras de madeira e de metal, lavradas com figuras geometricas, que se assemelham extranhamente á mais moderna e mais estudada arte. E como tudo que é exotico sempre apaixona a maioria das mulheres, provavelmente não será muito passageira a moda dos colares floridos e das largas pulseiras.

Modelo de Lucien Lelong em lã leve verde. Golla e punhos de organdi branco bordado de pois. Cinto de "gros-grain."

Manteau-capa, curto, em romain branco guarnecido de vison. Forro de velludo branco. Este manteau é para acompanhar o vestido precedente. Modelo de Lucien Lelong.

Vestido em flamengo verde moucheté de crême. Guarnições de crepe crême. Modelo Lucien Lelong.

O trabalho da semana

ESTA linda paizagem póde ser utilizada de varias maneiras: como centro de almofada, decorando as duas extremidades de um centro de mesa, repetida quatro vezes formando uma lanterna e ainda sobre uma pasta. A arvore de tronco escuro roxo e castanho se destaca no primeiro plano sobre as montanhas em tons verdes e azul claro e sobre o céo amarellado. A folhagem em differentes tons de verde. A porteira em roxo muito vivo e os telhados das casas em vermelhão. Essa paizagem póde ser pintada e com os contornos avivados por pontos de haste em linha preta ou toda feita com applicações.

Arte culinaria

PARA TODOS... vem offerecer ás suas leitoras uma secção da difficil arte culinaria, dirigida por uma intelligente senhorita da nossa sociedade e que se esconde sob um pseudonymo amigo. Mlle. Rosalva, além de fornecer um verdadeiro receituario para a arte culinaria, responderá ás consultas que lhe forem dirigidas sobre o assumpto.

1.ª receita: DELICIA DE NOZES:

1 ½ kilo de nozes descascadas.
1 ½ de assucar branco.
12 gemmas.
8 claras.
1 colher de manteiga.

Das nozes separar 25 ou 30 metades inteiras. O resto passar na machina. Misturado todos os ingredientes leve a engrossar no fogo. Forno brando. Engrossado, colloque num prato e leve ao forno, e cubra com suspiros feitos com as 4 claras que sobraram e mais 8 colheres de assucar branco. Com as nozes (metades) que foram separadas, e partidas ao gosto da pessoa, enfeite da maneira que mais lhe agradar.

2.ª receita: MIRONTON:

A carne cozida ou assada de panella desfiada.

Derreter 1 colher de manteiga, e ahi tostar rodelas de cebola bem finas, depois de coradas, junte 1 colher de farinha de trigo e mais uma vez toste. Juntar um calice de vinho do Porto, com ½ chicara de caldo e junte a carne.

Reunidos todos os ingredientes leve ao fogo e ferva, e sirva com conserva picada ou com azeitonas.

3.ª receita: GLACE de chocolate:

125 grammas de chocolate fino.
125 grammas de assucar refinado.
1 clara de ovo.

No "Manual da Doceira Familiar" de passiflora, manda preparar da seguinte fórma: "Levam-se as 125 grammas de chocolate fino, partido em pedacinhos em uma caçarola em banho maria e assim que este fique sufficientemente molle, deita-se em uma tigela com as 125 grammas do assucar refinado e mais a clara de ovo; bate-se bem tudo com uma espatula de pau, até que a massa fique bem lisa.

Esta "glace" serve para glaçar todos os doces, que peçam esta qualidade de enfeites.

MELL. ROSALVA

Incomprehendido Ideal

(F I M)

cendo que no mundo com a mascara da mentira se consegue muito mais do que com a sinceridade. Você quiz sómente que elle lhe desse uma affeição... e você se apaixonou por elle!...

E o marulhar do mar, daquella tarde azul, ouviu o segredo de um coração:

— Elle é o grande amor de minha vida! Elle é a felicidade impossivel, aquella felicidade que se sente e se sabe existir, e que a alma da gente não tem o poder de fazel-a sua! E no emtanto, por maldade e imcomprehensão, elle fez de mim a desconhecida, a mulher que passou em sua vida sem deixar... "um nome... uma historia... uma saudade"...

CARNAVAL PERNAMBUCANO

(F I M)

pernambucano possue um requisito que é todo seu, que é unico, que é estupendo, que é gostoso a valer: o Frêvo. O frêvo não se define, não se explica, não se resume. Vê-se, sente-se, cahe-se nelle... e sabe-se o gosto.

E' uma cocega que péga como sarna, como sarampo, como coqueluche, sem se saber direito como foi... Um contagio de gozo, de remexido, de quentura, de prazer. A democracia em prova pratica sem precisar de propagandas nem de caravanas. Vae tudo nelle: velhos, moços, meninos. Gente grave e gente arrepiada. Pelles alvas, pelles escurinhas, pelles negras. Confusão de classes, de idades, de posições, de sexos, de idéas... até de politicas!

Para se comprehender o frêvo é mister ouvir as marchas dos nossos clubs tocadas por suas proprias orchestras. Aquelles tons altos, aquellas syncopes, aquelles metallicos, aquelles récos-récos, aquelles arrancos e estacadas subitos como um beijo que se furta e uma tapa que se recebe...

Musica nossa, marca pernambucana legitima da gemma: com maldosa, sacudida, sonsa, ousada, arranhadora, maliciosa, uma porção de cousas antagonicas que se harmonizam. O passo, a barriguinhas, a dobradiça, a tesoura chroeographias que não se aprendem, imitam-se.

Frêvo... doçura de assucar, suavidade de algodão, ardencia de malagueta, cheiro de manga-rosa, attrito de abacaxis, moreno de sapoti, balouço de jangada, quentura de mendobim, tremores de cangica, sabor de pé de moleque, tragozinho gostoso de caldo de canna picado...

Mexe-se tudo bem mexido: — Carnaval pernambucano.

Mario Sette

A ACTUAL GERAÇÃO INGLEZA

RICHARD SUNNE no "The New Statesman and Nation" define em poucas palavras a actual geração ingleza: "Somos uma geração de observadores — exactos, conscienciosos, deshumanamente justos — mas jámais nenhuma grande arte foi feita pela observação...

Si não voltarmos de novo á dor e á sympathia, sejam reaes ou imaginarias, prevejo uma arte que se tornará cada vez mais arida, um arrazoado precioso e habil de plantas mortas e de flores torturadas, uma coisa de extrema engenhosidade e sem nenhuma paixão, qualquer coisa de perpetuamente alegre e si ha qualquer coisa de mais fastidioso do que o tédio perpetuo, é a alegria perpetua.

DE ROBERT BRASILLAC

A reação que surge de todos os lados, em todos os partidos, é uma reação contra o egoismo e contra a abstracção. O que regeitaram os escriptores de depois da guerra, foi a existencia do proximo e a sympathia pelo real. O que se pede hoje, é que o homem que escreve não se interesse apenas por elle mesmo "ás subidas e as descidas do seu fervor" e a tudo que consegue isolal-o do mundo. Mesmo desviadas, mesmo diluidas, essas tendencias podem facilmente se recompensar. Dahi, sem duvida, o novo prestigio, junto de alguns, do sentimentalismo revolucionario e com movimentos oratorios revigorados de Michelet.

Não quer dizer que desejemos que o universo cante romanças e se enterneça com a fraternidade universal. Mas, por despropositados que pareçam ás vezes, taes indicios não devem ser desdenhados. Elles provam que, com effeito, o homem recomeça a se interessar pelo homem, que elle se volta para os semelhantes com amizade ou com odio, não importa, mas com sentimentos vivos, — Péguy diria *carnaes*.

11
1
10
2
9
3
KOHOUT
(ADAPT.)

Musculos
de aço
obtêm-se
com...ferro
A força só reside em organismos tonificados.
Tonificar o organismo é dar ao corpo os elementos que produzem força e robustez.
O melhor Tonico conhecido é o "Nutrion". Contendo ferro chimico em sua formula, o "Nutrion" enriquece de hemoglobinas o sangue e torna rijos os musculos. — Cada vidro de "Nutrion" é um reservatorio de Força e de Vigor!
Nutrion
TONICO
NutrioN
KOHOUT - NEW YORK.